

O ENGENHO SUCUMBE À USINA: MEMÓRIA E DECADÊNCIA EM BANGÜÊ

Aldinida Medeiros¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo uma leitura do romance *Bangüê*, de José Lins do Rego, observando-o como uma narrativa que traz uma representação social do período em que a economia rural canavieira entra em declínio, no Brasil. Intencionamos observar, através da trajetória de Carlos de Melo, a decadência do Engenho Santa Rosa, assim como outros da região. Culminância, juntamente com o romance *Usina*, na prosa de Lins do Rego, do chamado ciclo dos romances da cana de açúcar, pertencentes ao regionalismo iniciado na década de 1930.

Palavras-chave: Romance; Representação social; *Bangüê*

Resumen: Este trabajo se propone una lectura de la novela *Bangüê*, de José Lins do Rego, viéndolo como una narrativa que traz una representación social de la época en que la economía del azúcar declina en el Brasil rural. Nuestra intención es observar, através de la trayectoria de Carlos de Melo, la decadência de Ingenio Santa Rosa, así como otros de la región. Culminación, junto con la planta romance en prosa Lins do Rego, el ciclo de novelas llamado caña de azúcar, que pertenece al regionalismo que se inició en la década de 1930.

Palabras-clave: romance; representation sociale; Banguê

A industrialização que come pelas beiradas os engenhos esmaga a soberba dos senhores, que se julgavam donos das coisas e gentes.
Luciano Trigo

1- Introdução

O intento, no trabalho ora desenvolvido, é uma leitura do romance *Bangüê*², de José Lins do Rego, observando que esta narrativa traz a representação social da época do declínio da sociedade rural brasileira, quando grandes fortunas foram imensamente reduzidas, restando a várias famílias da fidalguia brasileira apenas alguns poucos privilégio dos tempos áureos da economia rural.

¹ Professora doutora, da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: aldinidamedeiros@gmail.com

² Optamos por manter a ortografia original, tal como consta na obra.

A saga dos senhores rurais, não raro, é vista a partir de uma perspectiva nostálgica, notadamente nos romances sobre o “ciclo da cana-de-açúcar”. Nesse sentido, *Banguê*, juntamente com outros romances de José Lins do Rego, a exemplo de *Menino de Engenho*, *Moleque Ricardo* e *Usina*, traçam um quadro de visão bem ampla desse ciclo áureo da economia nordestina, notadamente porque podemos observar o declínio da sociedade rural brasileira, representado nas personagens protagonistas.

Uma das marcas do romance da geração de 30 foi a tentativa, que se pode observar em alguns autores, de descrever a realidade a partir de uma perspectiva rural, ou seja, a partir da visão dos subalternos e/ou explorados. A geração do romance de 30 – Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego – assumiu um compromisso diferente daquele presente na primeira geração modernista, voltada somente para a questão da nacionalidade, sem preocupação com as questões sociais.

Assim, percebe-se no regionalismo da literatura uma nova tomada de consciência. O Brasil, com seus desajustes sociais, seus problemas de distribuição de terra, o analfabetismo e a falta de acesso aos bens mais elementares, passa a ser objeto da literatura, que já se iniciara com *A bagaceira*, de José Américo de Almeida.

O período era um contexto de crise, tanto no âmbito socioeconômico quanto no político; quer na esfera local, quer na mundial: reflexos mundiais da crise de 1929, na bolsa de Nova Iorque, a intensa propagação das ideias comunistas pelo mundo, que culminaria em futuras represálias na forma das ditaduras salazarista (Portugal), getulista (Brasil), franquista (Espanha); A segunda Guerra Mundial, dentre outras. No Brasil, é um período caracterizado pela crise no ciclo econômico cafeeiro, pela Revolução de 30, pela Intentona Comunista e pelo Estado Getulista (1937 – 1945). Dessa forma, como consequência do conturbado quadro social já descrito, os romancistas incorporam a temática regional num processo de recriação artística que privilegiou o engajamento político e a denúncia das desigualdades socioeconômicas, a exemplo de Rachel de Queiroz, em *O quinze*.

2- Carlos de Melo: representação social do engenho que sucumbe à usina

Banguê mostra a trajetória de Carlos de Melo, herdeiro do Engenho Santa Rosa, que fora durante muitos anos uma propriedade da família, sob o comando férreo do seu avô, o velho Zé Paulino, uma das figuras mais representativa da tradição fundamentada no sistema patriarcalista, escravocata e latifundiário. As fazendas com suas casas grandes e senzalas passaram a figurar como tema literário e objeto de estudo, principalmente depois do ensaio de Gilberto Freyre.

Assim como fez Gilberto Freyre, ao compor todo o quadro sociológico do Brasil colonial, em *Casa Grande e Senzala*, José Lins capta e traz pela narrativa da memória muito do que viveu. Nos três primeiros romances do ciclo canavieiro, bem como no livro autobiográfico, *Meus verdes anos*, é possível sentir uma escrita em que a relação se dá muito mais com o ouvido do que propriamente com uma inteligência intelectualizada. Alfredo Bosi (1994) assegura que os romances da chamada primeira fase – o ciclo açucareiro – vão exercer influência direta da chamada segunda fase³: As narrativas da primeira fase evidenciam a força do traço biográfico pela vertente da memória. Conforme Bosi, são as obras da primeira fase que irão

[...] dar-lhe aquela crispação que trai o fundo autobiográfico: e de fato, a leitura de *Meus verdes anos*, história veraz da infância do escritor, logo nos faz reconhecer pontos nodais do romance de estréia, *Menino de Engenho* (BOSI, 1994, p. 398).

A obra de José Lins do Rego está registrada como um dos principais escritores dos “romances do açúcar” - aqueles que retratam o Brasil das grandes propriedades rurais canavieiras, que trazem representações sociais da decadência do áureo período colonial para os senhores de engenho, período esse em que as moendas manuais deram lugar à indústria do açúcar com as grandes usinas. Sua obra evidencia, por meio das personagens, os indivíduos envolvidos nesse mundo; além dos senhores, os empregados e indivíduos sem posses, expostos ao arbítrio dos grandes proprietários, conforme corrobora Freyre, em *Casa Grande e senzala* (1998).

Afastado do Santa Rosa para estudar, como era praxis com os filhos e herdeiros de grandes propriedades, Carlos, bacharel em Direito, retorna após a formatura para o lar: “Precisava olhar o Santa Rosa na intimidade do meu velho mundo. Ouvia o velho

³ Bosi (1994) caracteriza como segunda fase os romances que não compõem o ciclo açucareiro, como *Riacho doce e Cangaceiros*, por exemplo.

José Paulino tossindo. Já andava mais curvo, o seu grito de mando já não ia tão longe” (REGO, 2002A, p. 32-33).

Em *Banguê*, bem como em outros romances que estão circunscritos sob a marca da memória, e nos quais são trazidos pela lembrança o fim das fortunas advindas da cana-de-açúcar,

José Lins capta o mundo dos engenhos decadentes não com a lente poderosa do historiador, mas com uma pequena lupa de mão, atento aos detalhes, ao irrisório, ao cotidiano. E faz da paisagem um elemento de integração psicológica das vidas de seus personagens. [...] É uma literatura de grandes espaços e, paradoxalmente, uma literatura de atmosfera claustrofóbica (TRIGO, 2002, p. 22).

Para quem foi, assim como o autor, um menino de engenho, a forma de escrever a vida rural canavieira não é pelo observar ou pelo ouvir dizer. Por isso, não é exagero mencionar que, em relação ao grupo de escritores nordestinos, José Lins é um dos que melhor uso faz da memória. Sua escrita transforma a matéria real do memorialismo em narrativas recriadas. Tal como afirma Trigo (2002, p. 22): “seus protagonistas estão presos – dentro de si mesmos, presos a uma realidade mesquinha, a circunstâncias sócioeconômicas que não entende.” Não é apenas paisagem de engenho nordestino o que se tem nos romances de Lins do Rego. Há nas narrativas o drama das personagens, uma amostra de como é a vida daquelas gentes, naqueles lugares. Evidencia-se, portanto, em *Banguê* - na obra de Lins do Rego também a decadência física e psicológica como resultado do processo de derrocada social.

É, pois, pertinente assinalarmos que *Banguê* tematiza uma impossibilidade: a de Carlos de Melo dar continuidade aos anos de trabalho de seu avô e devolver a glória ao Engenho Santa Rosa. O neto volta ao lar sentindo-se meio desajustado ao mundo rural, após os anos da vida acadêmica, na efervescência cultural do Recife. Em meio aos sonhos estudantis, ele não percebia a realidade econômica que estava levando à derrocada o senhorio rural: “Sim, eu queria continuar minha gente, ser também um senhor rural. Era bonito, era a grande sucessão de meu avô. [...] Seria um continuador” (REGO, 2002, p. 32).

Mas o rapaz não tem a mesma força do avô; não foi talhado para o trato com a terra; perdeu boa parte do apego às raízes rurais, durante os anos que viveu fora. E isso se percebe no protagonista pelo modo emblemático de referir-se à fazenda. Talvez

porque, do muito de biográfico que Lins do Rego (2002B) pôs em Carlos, possamos reconhecer traços como sua “sensibilidade de complexo de renegado”. (p. 29).

Naquela época, a vida no engenho exigia atitudes de comando enérgicas. Mas somente para os comandos, pois, para qualquer tarefa os senhores e “sinhozinhos” – como Carlos – contavam sempre com a mão de obra escrava. Havia sempre alguém para servir-lhes e fazer-lhes as vontades. Isto nos remete par uma análise sociológica da condição social patrão *versus* escravos, em que Gilberto Freyre, ao analisar a vida dos senhores de engenho, afirma:

Cada branco da casa grande ficou com duas mãos esquerdas e cada negro com duas mãos direitas. As mãos do senhor só servindo para desfiar o rosário no terço da Virgem; para pegar nas cartas de jogar, [...] apalpar, amolegar os peitos das negrinhas, das mulatas, das escravas bonitas do seu harém. (FREYRE, 2006, p. 429)

Lembramos, então, com base no que diz Freyre, o episódio em que Carlos se envolve com a “negrinha”, fato comum em épocas anteriores, mas que já assume uma outra representação em sua época. Os amigos desdenham, fazem chacota ao saberem do sucedido. Por isso é que, ao conhecer a vida de Carlos, desde cedo se percebe que ele evidencia traços de dependência ao avô, o que nos leva a entendê-lo como o homem pouco ou quase nada enérgico em que se tornaria. Muito há na personagem dos traços biográficos de Lins do Rego quando este se descreve:

A ausência do pai que não era bem visto pelos parentes maternos fez de mim uma criatura sem verdadeiro lastro doméstico. Sempre fui um menino criado pelo avô, assim como um enjeitado, apesar de todas as grandezas do avô (REGO, 2002 A, p. 29).

Parece existir em Carlos, junto à vontade dolente de voltar para a boa e despreocupada vida que levava no Recife – em meio a mulheres e farras – como um sentimento negativo de posse em relação ao engenho. Ele não sabia, de fato, o que queria, não havia amadurecido a ponto de se tornar uma continuidade de Zé Paulino e, no entanto, não se definia pelo outro mundo, o dos sonhos, o da vida boêmia. Como o define Villaça:

Eis o drama do bacharel diante da terra. As suas hesitações, a sua indecisão existencial. A terra ou os livros e os jornais? Um destino de intelectual ou um destino de senhor de engenho? O desafio da terra ali estava diante dele. Mas a impotência e a fuga são os dois pólos complementares em que mergulha. A fuga literária da realidade áspera e perturbadora. E Carlos de Melo é, por excelência o homem solitário. (VILAÇAÇA, In: REGO, 2002 A, p. 19)

Se olharmos para toda a trajetória do protagonista observaremos, então, que José Lins apresenta, neste âmbito, uma personagem cujo problema diz respeito à formação da tradição rural. Carlos, frente à decadência que vai assomando não só o Santa Rosa, mas muitos outros engenhos do Nordeste açucareiro, vai ficando, ele próprio também numa espécie de crise, de angústia.

E o mais interessante talvez seja perceber essa crise vivida pelo personagem como uma representação da crise rural de sua época. Os problemas de Carlos de Melo aconteceram certamente a vários outros fazendeiros, contemporâneos seus. É uma situação correlata aos tempos em que vive e ao sistema econômico que se encontrava em processo de falência, com resquício de escravidão e cheio de figuras sociais agregadas. O Santa Rosa não traz para o adulto protagonista as mesmas alegrias que deixou ao neto do velho Zé Paulino, em infância.

Em contraposição à figura de Carlos, o avô, a imagem de homem outrora forte e austero que José Lins configura com bastante ênfase:

José Paulino pode ser entendido quase como uma transfiguração mitificante e idealizante do senhor de engenho nordestino [...] é m pouco de todos os senhores de engenho da região canavieira, a corporificação mesma do espírito patriarcal do Nordeste [...] (TRIGO, 2002, p. 130)

Entretanto, apesar da contraposição entre os dois perfis; e embora Carlos se mostre fraco e até meio acovardado para enfrentar a situação de decadência do Santa Rosa, vários são os momentos marcantes, na narrativa, em que Carlos se identifica com a situação do engenho. O amor por Maria Alice, a morte do avô, e também a morte do Nicolau são momentos expressivos que nos possibilitam ver, bem delineados, certos sentimentos – e por meio deles a confusão – do protagonista.

3- Memória e decadência em *Banguê*

Se anteriormente mencionamos que José Lins compõe de modo dramático a personagem protagonista – Carlos de Melo – é porque nos interessa evidenciar que esta narrativa traz uma representação social, dentre outros aspectos, das conseqüências do

conturbado quadro social. Trigo (2002, p. 194), aponta que “Nos meandros do drama individual de Carlos, [...] se insinua um drama econômico e social, drama encenado com fim anunciado: a luta entre os engenhos e as usinas [...]” Carlos pode ser considerado, pois, como o narrador que traz para o universo ficcional de *Bangüê* as memórias que Lins do Rego tem de seus *Verdes anos*. Memórias estas também tornadas ficção nas linhas e entrelinhas de *Menino de engenho* e *Moleque Ricardo*.

Assim, a memória, nas narrativas de ficção, desempenha mais que um papel cultura, pois é também um registro de ideologias. Na visão de Roland Walter (2008) a memória é política e abriga diferentes discursos. Além disso, a Memória está tensionada entre a ficção e a biografia, trazendo um certo hibridismo desses dois universos. Pela memória do autor, é possível percebermos a imensa diferença que o enredo instaura entre engenho e usina, não só nos fatores econômicos, como em outros mais.

No que diz respeito às questões sociais, no engenho Santa Rosa é explicitada uma identificação maior do trabalhador, embora explorado, com o lugar. Na usina, como uma grande “engrenagem” o que se percebe é a reificação do indivíduo, como a frieza das máquinas, também o lugar se torna indiferente. O trabalhador, ainda que sofresse a exploração de sua mão de obra, antes era parte do lugar, pertencia a uma identidade social que se construía nos engenhos. Os engenhos só tinham sentido com muita gente, com muitas casas, com as divisões de classes e as relações de diversas formas entre estas. A usina faz com que se percam essas relações identitárias que antes, embora sendo relações sociais subjugadas ao poderio econômico dos senhores, existiam nas grandes propriedades.

Isto que dizer que por meio das narrativas de representações sociais, como é o caso de *Bangüê*, todas essas questões chegam ao leitor, contribuindo para salvaguardar a identidade cultural de um povo, de uma nação, sobremaneira por que, conforme Le Goff (2007), seja a identidade individual, seja a coletiva, ela é uma busca fundamental das sociedades: “[...] é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 2000,, p. 57).

Essa identidade, em Carlos de Melo, é confusa, pois retrata a sua própria confusão uma espécie de desajuste social com o ambiente – pelo declínio econômico –

que representa toda uma classe social. O moço ilustre, herdeiro do que fora a glória do Santa Rosa, não se deu conta de que as mudanças econômicas de sua época afetaram-lhe a vida por completo e detinha-se em sonhos: "A tradição dessa vida me enchia de orgulho de ter saído de tal gente. Ia longe nos meus sonhos, pensava em montar no humilde Santa Rosa o luxo dos meus antepassados. Daria festas [...] faria um mundo do meu engenho" (REGO, 2002 A, p. 32).

Esta situação ilustra, na realidade do Brasil dos ciclos açucareiro e cafeeiro uma perda de *status quo* semelhante a que se deu com a ascensão da classe burguesa em detrimento da queda da nobreza européia, no período do Renascimento. A nobreza, antes detentora do poder econômico e cultural perde amplo espaço para a burguesia. O romance, enquanto gênero literário, não só está inserido neste contexto, conforme nos mostra o estudo de Ian Waat, *A ascensão do romance*, como temos aqui um exemplo, no romance de Zélin – como também era chamado – de uma situação que mostra a queda de uma classe socioeconômica.

Este aspecto é nítido no romance, pois Carlos observa que o engenho do seu avô já perdeu o poderio econômico comparado a alguns da vizinhança como o do tio Juca:

É verdade que sofria as minhas decepções quando me comparava com outro. O Folgado, do tio Juca, com quatro mil pães; o Maravilha, um sítio, mil e quinhentos pães; o Calabouço, de um negro, fazendo vergonha ao Santa Rosa. (REGO, 2002 A, p. 184)

Por fim, como cena marcante que nos dá uma ajustada visão do final da narrativa, temos a despedida como um misto de tristeza e alívio, uma sensação de vazio em Carlos:

Acordei numa manhã com os pássaros de gameleira cantando como naquele dia em que pela primeira vez me levaram para o colégio. Agora ia sair para sempre do Santa Rosa. Ali sofrera muito nos últimos tempos. Me degradara mesmo, fizera filhos em mulheres infelizes, dera em Pinheiro por causa de uma miséria, dormira com medo de cabras, de nada, de sombras. Dentro da rede, naquela manhã de minha partida, sentia que não podia fazer mais nada. Fracassara completamente. (REGO, 2002 A, p. XX)

Era o vazio de não ter tido o pulso do avô, de não se ter feito nem bacharel, nem produtor rural. Viveria das lembranças daquele tempo, da glória do que fora sua vida e seus antepassados.

4- Considerações finais

Comandar o Santa Rosa com o luxo de antigamente – como nos tempos de infância em que lá vivia – era a intenção de Carlos. Era isso o que sua memória trazia para o tempo presente da narrativa. Entretanto, restou-lhe sucumbir, tombar diante do progresso, pois nos seus anos de estudo, ao invés de buscar a melhor forma de acompanhar o progresso para administrar o engenho, Carlinhos não fez outra coisa a não ser se aproveitar do luxo que seu avô podia proporcionar-lhe, sem quaisquer preocupações financeiras com o futuro.

Carlos, narrador de sua vida em *Bangüê* fracassou. Como ele também Belmiro – protagonista do romance de Cyro dos Anjos – e, também, muitos outros herdeiros, que frente ao novo desenrolar da crise econômica – a qual requeria outros processos de produção e outras demandas administrativas – precisaram se tornar “amanuenses”. Dentro do Engenho Santa Rosa ficam as boas e as malgradadas lembranças. Dentro de Carlos de Melo, uma espécie de vazio. Ele é o que podemos chamar de representação social de um engenho em ruína.

Referências

ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51 ed. São Paulo: Global, 2006.
LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, [200?]. (II vol. Memória, col. Lugar da História).

QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze*. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984

REGO, José Lins do. *Bangüê*. 21. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002 A.

REGO, José Lins do. *Meus verdes anos: memórias*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002 B.

REGO, José Lins do. *Moleque Ricardo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002 C.

O engenho sucumbe à usina: memória e decadência em *Banguê*

TRIGO, Luciano. *Engenho e memória: o Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

WALTER, Roland. *Transferências interculturais: notas sobre trans-cultura, multi-cultura, diásporas e encruzilhadas*. Disponível em
<http://www.uepb.edu.br/eduep/sociopoetica/publicacoes/v1n1/v1n1_artigo05.html>
Acesso em 19 jan. 2008.